



O desejo nos tempos de liquidez: notas sobre o amor e o erotismo na modernidade das expressões sólidas

Desire in liquidity times: notes on love and eroticism in the modernity of solid expressions

Anne Caroline Nava Lopesⁱ

Universidade Federal do Maranhão

Silvia Cristianne Nava Lopesⁱⁱ

Universidade Federal do Maranhão

Resumo: O presente trabalho visa explicitar o sentido da articulação conflitiva proposta por Zygmunt Bauman entre desejo e amor. Para empreender esta análise, o fio condutor utilizado é o conceito de “amor líquido”. Nesse aspecto, o objetivo principal é confrontar as concepções de positividade do amor romântico e desconstruir a composição do desejo pela reflexividade de Bauman de sua constituição fluídica e rasa nas relações eróticas. Para tanto, a reflexão espelha-se sobre concepções literárias enquanto projeções das experiências humanas. Esta análise centra-se, principalmente, na sociologia das emoções, compreendendo o amor como uma prática social, mas vivenciada como sentimento atrelado à alteridade, o que exige uma ancoragem na teoria filosófica pautada nas correlações teóricas de Deleuze e Guattari sobre o desejo como edificante, construtor e engrenagem em movimento.

Palavras-Chave: desejo; amor; liquidez; subjetividade.

Abstract: The present work aims to investigate the meaning of the conflicting articulation proposed by Zygmunt Bauman between desire and love. To undertake this analysis, the guiding thread used is the concept of “liquid love”. In this respect, the main objective is to confront the conceptions of positivity of romantic love and deconstruct the composition of the desire for Bauman's reflexivity of his fluid and shallow constitution in erotic relationships. Therefore, the reflection is mirrored on literary conceptions as projections of human experiences. This analysis focuses mainly on the sociology of emotions, understanding love as a social practice, but experienced as a feeling linked to otherness, which requires an anchoring in the philosophical theory based on the theoretical correlations of Deleuze and Guattari on the desire as edifying, builder and gear in motion.

Keywords: desire; love; liquidity; subjectivity.

1. Introdução

Historicamente, o amor tem alicerçado, durante séculos, os comportamentos e estruturas subjetivas relacionados ao comportamento humano em múltiplas experiências culturais no viés de *longa duração* que condiciona as relações subjetivas.

As várias acepções de amor existentes na contemporaneidade são contrapostas, muitas vezes, à ideia sublime de “amor romântico”, perseguida, desejada e muitas vezes, intangível na busca da realização mais plena do encontro com o outro preponderante outrora na cultura ocidental, cujos traços ainda permanecem vivos na memória e idealização em si.

Representações subjetivas do amor convivem entre si, sejam elas idealistas ou mesmo as que brotam das relações *líquidas* da contemporaneidade. Todas transitam em lugares comuns onde as sociabilidades ensinam o amor como um roteiro de estruturação da vida e da felicidade.

Nesse sentido, “Apaixonar-se e desapaixonar-se” é o título do primeiro capítulo da obra *Amor Líquido* de Zygmunt Bauman e é também o gatilho de início e término de sociabilidades eróticas e de seus ciclos constitutivos que se expressam entre o andar vagaroso do amor pelo *flâneur* na modernidade líquida, bem como, do *amoureux* em sua caminhada no espaço das relações de afeto e de circulação regular do desejo humano.

O estado de contemplação e entrega absoluta no ideal romântico de amar marca a história dos afetos humanos, mas também se faz presente no cotidiano contemporâneo, ao mesmo tempo fora e dentro da rota das construções eróticas pautadas no desejo, na consumação rápida, no descarte e na fluidez dos vínculos.

O presente texto é, pois, um convite à reflexividade sobre os efeitos das relações de atração e sedução do outro e de seus processos cíclicos de amor(es) e vulnerabilidades na sociedade moderna, bem como aborda as brechas de solidez presentes nessas interações eróticas que repercutem no entendimento de que essa liquidez tem sido compreendida de maneira naturalizada, como se todas as relações amorosas fossem rasas por ser a sociedade líquida, supostamente, uma estreita corrente superficial de conexões entre os indivíduos quando comparadas a um ideal sublime da experiência. Importante considerar o sentido do amor romântico. Senão vejamos o que comenta Vergas Silva:

O amor romântico é uma prova social da capacidade ímpar humana de

significar e dar sentido a fenômenos. Estas representações se manifestam em palavras, sentimentos e condutas que se institucionalizam, e que, assim, regularizam e impõem nossa forma de amar (SILVA, 2005, p. 3933).

Com efeito, é importante destacar que a maneira que o conceito de “amor líquido” é apresentado por Bauman, torna a compreensão das relações eróticas limitadas em si mesmas, apoiadas, muitas vezes, no ideal romântico, na prática irrealizável e, na idealização, de certo modo, impositivo e frágil. Trata-se, em certo sentido, de uma ferramenta insuficiente para analisar a trajetória das emoções, desejos e subjetividades humanas em nossa sociedade e como elas se constroem, realizam-se e consumam-se. Daí a relevância da reflexão sobre o grande significado do desejo, por exemplo, como expressão sólida e tangível do amor.

O ponto de partida, como podemos perceber, é o de uma construção crítica e questionadora que aponta para a positividade do amor, inclusive em Bauman não desconsiderando a influência da liquidez das relações como ele expõe como característica marcante da modernidade. Em outras palavras, o que se pretende nesse espaço de reflexão é problematizar a metáfora da liquidez do amor ao contrapô-la ao estado tangível que os desejos podem assumir nas relações eróticas e, com isso, também representar aspectos positivos.

2. O amor, o desejo e a solidez como rotas das práticas afetivas contemporâneas

Buscar descortinar, ainda que de maneira breve, o(s) amor(es) e sua(s) expressão(ões) na história social pode ser caracterizado como um roteiro quase inalterado de percurso dos atores sociais. É significativo apontar que muitas influências ajudaram na consolidação desse roteiro.

Somam-se o escopo de influências literárias plurais que refletem sinuosidades de composições de subjetividades humanas retratadas no campo criativo dos afetos e dos seus tensionamentos. Por exemplo, da paixão de Werther por Carlota em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, extrai-se o conflito do amor não correspondido e dos imponderáveis mais íntimos daquilo que não se pode concretizar como expressão de uma representação de amor, de um dado período histórico e da própria significação de amar.

Nesse sentido, o entendimento da compressão dos acessórios inovadores nas formas eróticas de subjetividade no estado de liquidez pode sugerir o estabelecimento de um

universo descortinado pelo desejo funcionando como um aspecto maleável (não necessariamente líquido) do *eu*, isto é, um ponto de conexão, de possibilidades e estreitamentos entre o corpo, as vontades, os arranjos psíquicos e afetivos. Reitera-se, isto estar longe de ser um aspecto negativo das interações humanas.

Mais do que isso, é importante que se diga, por exemplo, que admitir o desejo e as tangibilidades das vontades pode ser uma experiência tão significativa quanto a entrega do “eu” que refletia-se no expoente máximo do romantismo europeu, do qual criou Johann Wolfgang von Goethe, a história de Werther.

Corroborando com isso Borges (2004), para quem a literatura amorosa clássica representa uma grande contribuição para entender como o amor é compreendido na modernidade. A autora usa como exemplo a obra de Goethe *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, livro que trata da dor de um amor não correspondido.

A partir do compasso da modernidade, as representações do amor deslocam-se numa rota que também considera o conjunto de influências do seu próprio tempo e contexto. Os afetos ainda dialogam com o amor romântico. Porém, mesclam-se com a fugacidade e efemeridade das paixões humanas envolvendo relações de “consumo” e “liquidez”. Em suma, trata-se do expoente da sociedade líquido-moderna da equação de si mesmo, e não apenas da incógnita do outro, o que envolve o próprio “descarte” fácil e rápido do afeto humano como circunstanciais e característicos de uma expressão outra de amar. Na perspectiva de Bauman retratada por Oltramari:

Para Zygmunt Bauman (2004), na Modernidade os laços afetivos se tornam cada vez mais frágeis, o que decorre das crescentes relações de consumo características de nosso contexto histórico; mas o autor também afirma que, mesmo dentro desta fragilidade, existe uma necessidade de relacionamento entre as pessoas - estes relacionamentos apenas estão mais rápidos e menos cristalizados do que em tempos atrás. Ele se refere à metáfora do “amor líquido” como uma forma de compreender a complexidade das relações afetivas do ser humano (OLTRAMARI, 2009, p.673).

Retomando a metáfora do amor no estado líquido e também da subjetividade humana em contextos fluídos, reconhecemos a regra da física da transformação das coisas sugeridas pelo próprio Bauman, bem como da sua mudança de estado, para ser preciso, químico das relações amorosas. Há que se apontar a não sutil mudança de estado em desejo e amor também. É verdade que o ser que ama e o desejante não se reconhecem no referido “homem sem vínculos”, que perambula em águas rasas ou nas trincheiras de afetos vazios,

sempre em busca do mergulho profundo em águas inexploradas. Mas também é verdade que o ser desejante, em contínua busca de realizações e trocas eróticas, não deve ser percebido num aspecto restrito líquido, porque são tangíveis e plenamente realizáveis os seus desejos mais profundos.

Assim, enfatiza-se os primeiros sólidos do *eu* de onde emergem os desejos e as intrínsecas vontades de consumir no encontro com a alteridade. Os traços sólidos em questão não são provisórios, efêmeros, superficiais e vazios como se poderia supor. Ao contrário, os desejos demandam tempo, construção, sedução entre o dar e aceitar, consumir e novamente consumir até culminar na renovação de si mesmo, ou seja, dos seus ciclos abertos, fechados, atravessados e complexos. Isso é diferente de uma concepção que aponta que o sujeito da líquida modernidade é o homem sem vínculos. Nesse sentido, restam aos indivíduos estarem incontornavelmente sem ligações definitivas e indissolúveis.

Os indivíduos contemporâneos, nessa visão, “são obrigados a amarrar um no outro, por iniciativa, habilidades e dedicação próprias, os laços que porventura pretendam usar com o restante da humanidade. Desligados, precisam conectar-se”, mas, “nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência (BAUMAN, 2004, p. 7).

É certo que a modernidade líquida e o(s) amor(es), nessas condições subjacentes, bem como as novas configurações afetivas são potencialmente capazes de gerar desconfortos ontológicos, por assim dizer. Porém, essas consequentes inseguranças fazem parte da própria condição humana. Desse modo, os referidos sólidos da intimidade são contingentes e revelam as projeções mais essenciais dos afetos. Os desejos expressam isso muito bem.

Nesse aspecto, a análise de Bauman não consegue perceber o interior do edifício que são os desejos e nem a solidez de suas composições, consideradas sempre líquidas e insuficientes e inconsistentes de durabilidade e concretude. Portanto, visibilizar as múltiplas tessituras dos vínculos corresponde ao processo de refinamento da compreensão da intimidade e do prazer como expressões humanas fundamentais e significativas em sua profundidade e complexidade. Esse é o alicerce da reflexão erigida.

3. Paradoxos contemporâneos: amor, desejos, liquidez e solidez

Na obra *Amor Líquido*, Bauman transcende a noção proposta pelo entendimento marxista de que “no capitalismo, tudo o que é sólido desmancha no ar” e, afirma que as relações atuais são líquidas, pois, a qualquer momento, elas acabam.

Seguindo esse entendimento, o contexto contemporâneo de interações afetivas é estruturalmente formado pela liquidez. Em contraponto, a conhecida modernidade sólida teve início com as transformações clássicas e o surgimento de valores e de modos de vida sociais, políticos e culturais que conferiam uma certa estabilidade aos indivíduos.

A mudança de paradigma com o advento da modernidade possibilitou o que Bauman designou como processo de “derretimento dos sólidos”, começando pelas relações de poder, processos políticos e demais variantes sociais. Desataca-se que as mudanças atingiram também as interações afetivas.

As principais características da modernidade líquida, segundo Bauman (2004), são o desapego, a provisoriedade e o acelerado processo da individualização motivada pela lógica do consumo e do descarte; tempo de liberdade e, ao mesmo tempo, de insegurança e fragilidade dos vínculos.

Bauman (2004) indaga a condição humana perante o amor ancoradas pelo individualismo e por momento de emersão de relacionamentos descartáveis, desconfiados e temerosos para fixar algum posicionamento de ligação e não de simples conexão com a alteridade. Reitera-se que seu pensamento esculpe uma análise pormenorizada dos eventos ocidentalmente comuns relativos à vida de envolvimento amorável que se afastou, de alguma forma, das expressões mais seguras, carregas de confiança e afeto verdadeiro.

Assim, a metáfora do líquido é utilizada para definir as especificidades de uma fase da modernidade, que, diferente de outras contextualizações, apresentaria propriedades ainda mais fluidas, não se deixando tomar forma e enraizamentos por muito tempo. O que pode ser significativo de explorar é que, na realidade, essas práticas podem engendrar envolvimento tão amorável e humano quanto qualquer outro.

Com efeito, é preciso ainda lançar a inquietude das problematizações que se sucedem à perspectiva líquida e que são realmente necessárias nesse ponto da reflexão. Assim, é fundamental ressaltar que em todas as hipóteses de relações afetivas possíveis pode pairar uma dúvida que permeia o sujeito: é indispensável e gratificante relacionar-se amavelmente de forma permanente? De acordo com o entendimento crítico dos traços da liquidez na sociedade pós-moderna, a resposta pode ser: “não”!

Essa compreensão coloca em discussão a possibilidade de um relacionamento amoroso desfragmentado ser possível numa dinâmica líquida. E que também é possível um conjunto de práticas sociais que aceitam o amor de forma sublime, procriadora e idealizada como parte de um grupo de formas de amar necessárias e indispensáveis bastante conhecido e recorrente da(s) história(s) erótica(s) e de suas múltiplas representações.

É válido mencionar que o amor numa vertente baumaniana corresponde, como já se disse, à representação de um constante-universal humano. Trata-se de um amor essencializado, sublime, virtuoso. Nesse sentido, afirma Giddens que nas ligações de amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do amor sexual, de conotação mais cortês. (GIDDENS, 1993, p. 51).

Assim, tomando a experiência moderna como aparência de fragmentação humana associada a uma lógica intensamente individualista, as relações estabelecidas, incluindo as amáveis seriam transformadas pelo contexto capitalista, bem como pelas ordens do dia do consumo e das necessidades forjadas, não apenas dos objetos, mas das pessoas. Esse cenário, num outro aspecto das relações da intimidade, corresponderia aos contornos dos desejos em Bauman, aparentes rotas de colisão com o amor essencializado. Explicando, os desejos constituem-se como supérfluos, fugazes e sem sentido diante do seu extremo oposto, o amor (REZENDE, 2007, p.33). Nesse sentido, Para Bauman:

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no outro, o companheiro no amor. "A satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras", afirma Erich Fromm - apenas para acrescentar adiante, com tristeza, que em "uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista (FROMM, 1957 apud BAUMAN, 2004, p. 18).

E assim, é numa cultura consumista que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a "experiência amorosa" à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e

prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 18).

Neste ponto, as relações eróticas desenvolvem-se no interior da sociedade consumista, globalizada, na qual sempre há novos produtos modernos, atraentes e estimulantes para serem consumidos, onde a qualquer instante, pode-se tomar a decisão de querer possuir ou preferir trocar. Essa é a característica fundante da vida líquida. Assim, “a ‘vida líquida’ é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna” (BAUMAN, 2015, p.7).

Por outras palavras, o entendimento é que nesse contexto o relacionamento amoroso passa a obter o mesmo fluxo de funcionamento de uma mercadoria: as pessoas suprem suas necessidades como sujeito-objetos e, quando não forem mais eficientes, serão trocadas por algo melhor (GUEDES e ASSUNÇÃO, 2006). Desse modo, o amor na modernidade líquida estaria engessado na lógica perversa do mercado, da lei da oferta e da procura, do preço e das necessidades supérfluas e do consumo, além da rapidez do descarte. De acordo com Pessoa:

Ao invés das supostas relações tradicionais do passado, o pós-moderno consome pessoas e amores como um comprador numa loja de shopping center. Os sujeitos lhe aparecem como mercadorias, reificados, sendo rapidamente trocados quando um novo produto, mais moderno, lhe é anunciado. Então, os velhos objetos são jogados fora. A modernidade líquida seria um imenso *mall* de coisas-pessoas gerando um lixo ainda maior (PESSOA, 2018, p.294).

Nesse aspecto, para Bauman, o relacionamento eu-outro é mercantilizado e frágeis laços de afeto são feitos e desfeitos frente a qualquer desagradado das partes ou de sua necessidade de consumir outro(s) desejos que surgem em seu interior. Não seria este uma inevitabilidade histórica da liquidez das relações contemporâneas segundo a visão baumaniana?

Com efeito, para indicar uma resposta precisamente questionadora e, efetivamente com esse propósito problematizador e paradoxal de entendimento, é importante destacar, aquilo que pode se constituir como uma percepção fragmentada ou mesmo como pontos vulneráveis constitutivos a partir do conceito de amor líquido. Assim, na visão de Pessoa:

Para Bauman (2004) o amor romântico e monogâmico não aparece como sendo fruto de relações de poder, consolidado por instituições, objeto que

se transforma no tempo devido a tensões e deslocamentos de sentido provocados pelos indivíduos e coletivos políticos, conscientes e críticos - ou não - de sua compulsoriedade, algo que se impôs por intermédio da domesticação dos prazeres e dos corpos, especialmente pela dominação masculina, heterossexualidade obrigatória e eclesiástica cristã, em se tratando do Ocidente, mas lhe surge como um fenômeno da natureza humana, uma régua universal, sem história (PESSOA, 2018, p.283).

Como consequência desta liquidez, é preciso frisar, criticamente, que as interações eróticas em Bauman (2004, p.8), são limitadas como os fluidos que se movem facilmente num estado de coisas que não são feitas para durar e cuja qualidade de interação não submerge, não se aprofunda por estar sempre em superfícies rasas e suas bordas. Segundo o referido autor, os desejos “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados” e “destilados”, diferentemente dos sólidos.

Na contramão do entendimento acerca do amor líquido e da efemeridade dos desejos, considerados grandes vilões das sonhadas águas calmas e límpidas do amor romântico e monogâmico, existe uma compreensão dos desejos como edificantes e potenciais construtores da positividade do mergulho profundo em si e, para o outro. A propósito, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1976, p. 514) explicam que o que define precisamente as máquinas desejantes é o seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções.

A relevância dessa reflexividade é que ela chama, para o espaço do entendimento dos vínculos e afetos, a importância do agir. É esta ação que impulsiona o processo de produção/construção e não a representação em si mesma. Nesse aspecto, o desejo é o movimento de produzir e não, necessariamente, a aquisição de alguma coisa.

O desejo, enquanto expressão tangível e solidificado no interior do “querer” humano na rota da alteridade não será encontrado na vitrine de uma loja, nem será comprado num shopping. O desejo sendo pensado como adquirido é uma maneira simplória e reducionista de sua grandeza e intensidade. Essa ideia jamais refletirá a sua explosão pelo maquinário composto de uma sofisticada usina que está em permanente operacionalidade em capacidade máxima, adotando aqui o pensamento de Deleuze e Guattari (1976, p.515).

Nessa perspectiva, considerando o desejo como processo de produção e movimento constante os autores empreendem uma transposição de uma experiência do sujeito erótico do prisma metafísico para o sujeito acoplado e híbrido de máquina desejante. Não no sentido metafórico como o conceito de amor líquido. As máquinas desejantes não são metáforas, não

representam apenas maneira de pensar e projetar ou representar. Elas não estão no imaginário de maneira simplória. São reais e, se acoplam e desacoplam solidamente. Nelas o desejo se cria, se constrói, se remodela, cresce e se cria novamente. Não seria essencial afirmar, porém é oportuno mencionar que, neste sentido, toda criação acontece no real e todo desejo é produção da realidade.

Com efeito, o pensamento de Deleuze e Guattari, por caminhos singulares, assinala, na contemporaneidade, uma ruptura definitiva com os pontos de vista universalizantes e metafísicos sobre o sujeito e o sexo. “Desconstroem a categoria de sujeito para pensarem a subjetividade como máquinas de produção desejante ou formas de subjetivação que se produzem em um jogo incessante entre poderes, formações discursivas e agenciamentos libidinais” (NERI, 2003, p.2).

Reitera-se que essa configuração complexa, e nada fugaz, é marcada pelo inconsciente produtivo e pela intensidade pulsional dos fluxos. Por outras palavras, a partir do campo problemático da pulsão, notadamente solo da estrutura psicanalítica freudiana, tem-se novas formas de engendramento de processos de subjetivação que dissolvem a problemática da redução do inconsciente ao problema da falta, para concebê-lo como uma lógica de conexões de fluxos, encaixes e desencaixes, peças se juntando e se separando, capaz de privilegiar o real e não o imaginário e o simbólico. Destacamos que não se trata aqui de experiências rasas ou de uma pífia experiência de afetos ou de uma encenação de amadorismos. Nesse aspecto:

O Projeto do Anti-Édipo é pensar o inconsciente não como um teatro de representação e sim como uma fábrica, uma máquina para produzir, eliminando a redução do desejo ao problema da falta e da representação para pensá-lo como uma lógica de fluxos: Isto funciona em toda parte, às vezes sem parar, às vezes descontínuo. Isto respira, esquenta, come [...] em toda parte são máquinas, de maneira alguma metaforicamente, máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões [...] somos todos *bricoleurs*, cada um suas pequenas máquinas (DELEUZE e GUATTARI, 1976, p.15).

Além disso, a subjetivação não precisa, então, ser pensada em relação à falta, como ausência de satisfação que vai produzir representação do desejo como resultante da insatisfação. Nem, tampouco, como recalque de uma experiência mítica fundante do gozo absoluto de ser o falo da mãe. A experiência de satisfação não é mítica, ela é real, parcial, instaurando um circuito pulsional de produção de diferença (NERI, 2003, p.5).

Como pontua Orlandi, eles estariam realizando uma defesa ética e estética do inconsciente como um espaço social e político a ser conquistado, no sentido de sua expansão, como um lugar movente cuja maleabilidade é a dos limiares e fluxos que constituem a objetividade do próprio desejo enquanto um sistema aberto que quer sempre mais conexões e a partir do qual produzem-se fluxos de inconsciente num campo social e histórico (ORLANDI, 1995, p.185).

Considerações finais

Este trabalho sobre o(s) amor(es) não pretendeu solucionar a problematização que se levanta sobre a configuração pós-moderna dos relacionamentos amorosos, tampouco discutir sobre contraposições de representações que se formam na atualidade das demais relacionadas a uma vertente essencializada. O que se propôs levantar, como um exercício breve de reflexão, é o de apontar para a possibilidade de construções sólidas e válidas de experiências e sentimentos que apenas são diferentes.

Importa mencionar que as ambiguidades da vida e das relações amorosas contemporâneas, fazem parte de uma configuração humana inteiramente nova e jamais experimentadas em outras fases históricas precedentes. São realmente necessários os pontos de construções teóricos que definam o contexto *sui generis* das práticas sociais não descoladas de como se apresentam na modernidade.

Assim, como vimos ao longo deste artigo, é fundamental problematizar e lançar possibilidades e caminhos de desconstrução de imponderáveis, sobretudo, quando o terreno é o amor.

Por fim, pode-se dizer, de uma certa maneira, que o amor tem se apresentado na contemporaneidade com uma “aparência” nova para ainda permanecer no centro dos interesses e buscas do ser humano por sua concretude e vontades. Ele ainda está na rota. Pode ser que atualmente ele esteja mais afastado da idealização romântica. Mas, se isso é verdade, é possível que ele tenha se tornado ainda mais central do que o era nos tempos de Werther e Carlota retratados por Goethe.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**, 9ª Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BORGES, Maria de Lourdes. **Amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Abril, 2010.
- GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papirus Editora, 1988.
- GUEDES, Dilcio; ASSUNÇÃO, Larissa. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, n.4, v.2, p. 396-452. 2006.
- GIDDENS. Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.
- NÉRI, Regina. Anti-édipo/psicanálise: um debate atual. *In: Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, n.1, v.6, jan./jun. 2003.
- OLTRAMARI, Leandro Castro. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *In: Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, out./dez. 2009.
- ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. Pulsão e campo problemático, *In: MOURA, A. H.* As pulsões. São Paulo, Escuta, 1995.
- PESSOA, Leonardo Antunes de França. **Crítica ao conceito de amor líquido em Zygmunt Bauman**. *In: Revista Bagoas*, v.10, n.18, Rio de Janeiro, 2018.
- REZENDE, Maria José de. A globalização e os desafios da ação política num contexto de concentração de riqueza e de poder: as reflexões de Zygmunt Bauman e as de Celso Furtado. *In: Estudos Sociais*, v. 16, n. 30, p. 8-44, jul./dez., 2007.
- SILVA, Vergas Vitória Andrade da. Pra que rimar amor e dor: um estudo sobre as formas contemporâneas de representação e expressão do sofrimento amoroso. *In: IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*, 2005, João Pessoa/PB. **Teorias e Abordagens Metodológicas**, 2005.

ⁱ Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais (UFMA). Graduada em História (Licenciatura) pela

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Graduada em Direito (Bacharelado) pela Universidade Ceuma. Professora Adjunto III da Universidade Federal do Maranhão, Campus Pinheiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0157-0040>

E-mail: anne.nava@ufma.br

ⁱⁱ Doutora em Políticas Públicas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Enfermagem (UFMA). Professora Adjunto II da Universidade Federal do Maranhão, Campus Bacanga.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1879-6241>

E-mail: silvia.nava@ufma.br

Recebido em 14/04/2022

Avaliado em 09/08/2022



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).